

A coleção de fotografias do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz – RJ (NOPH) como elemento para (re)construção de identidade cultural local

Joice Soltosky Cunha¹

Resumo: Analisa a coleção de fotografias do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH) – Rio de Janeiro, como sistema de representação simbólico e elemento para a (re)construção de identidade cultural local. Analisa os elementos de significação da identidade cultural do bairro. Reflete sobre o seu valor simbólico e de produção de sentido, considerando, também, o seu caráter de registro de uma memória coletiva, de reflexo de investimento em uma identidade, bem como da possibilidade dela se configurar como quadro de referência para identificação de grupos.

Palavras-chave: Coleção fotográfica. Memória social. Identidade cultural.

Abstract: Analyses the photography collection of the Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH) – Rio de Janeiro, as a system of symbolic representation and element for the (re)construction of the local cultural identity. Analyzes the elements of signification groups of these district cultural identity. Reflects about its symbolic and meaning production value, considering its register character, related to a collective memory, the character of the investment's reflects in an identity, and about the possibility of this identity configure itself as a reference scene for the identification of groups.

Keywords: Photographic collection. Social memory. Cultural identity.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior realizada como trabalho de conclusão de curso. Propõe-se investigar a relação da formação da coleção fotográfica do NOPH², com o desejo de projetar uma imagem *da e para* a comunidade, como forma de construção de uma identidade, e de manutenção da memória coletiva do bairro. Para tanto, questiona-se aqui: o que motivou a formação da coleção de fotografias do NOPH? Que marcas simbolizam a identidade cultural local representada na coleção?

A COLEÇÃO: NA TEIA DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE

Os objetos fazem parte da vida do ser humano desde tempos imemoráveis, ao longo da história da humanidade. Moles (1981), afirma que o objeto media as relações entre o homem e a sociedade e pode ser um prolongamento da ação humana, assim como uma mensagem social. Segundo o autor, a

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduanda em Biblioteconomia.

² Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH).

2

vida cotidiana possui a capacidade de transformá-lo, em objeto de desejo pessoal, portador de signos e valores. Quando fazem parte de uma coleção, os objetos possuem como premissa básica a sua não utilidade, estão fora de circulação econômica, não são acumulados por acaso, estejam expostos ao olhar e possuam um tratamento adequado. “Ainda que na sua vida anterior tivessem um uso determinado, as peças de um museu ou de uma coleção já não o têm” (POMIAN, 1997:51). Segundo Barthes (2001), esses objetos não escapam de um sentido, mesmo que seja para significar o insignificante.

Partindo-se da idéia da coleção como uma construção humana, pode-se afirmar que ela é portadora de desejos, que dependem do seu proprietário, podendo servir como fonte de prazer estético; de conhecimento histórico e científico; testemunham o gosto e as curiosidades intelectuais do seu dono (POMIAN, 1997). Todavia, quando se trata de uma coleção institucional, existem outros aspectos a serem considerados, principalmente quando a sua missão é preservar a memória e a história de um lugar, como é o caso do NOPH.

A coleção em questão é considerada como um suporte da memória coletiva, pois, para que ela exista é necessário não só que um grupo compartilhe um passado comum, mas que esse passado esteja sempre em manutenção por aqueles que se reconhecem como parte dele (HALBWACHS, 1990). Nesse sentido, ela apresenta condições para tal reconhecimento, pois sua formação origina-se de doações feitas por pessoas que encontram-se ligadas ao bairro. Assim, toda a coleção amarra os fragmentos dessas coleções particulares.

Destaca-se que nesse processo de construção de uma memória e de uma identidade ou de identidades, considerando-se a coleção como lugar de representação das mesmas, há uma negociação, no âmbito das relações de poder, que determina o que e quem estará representado nela, relação esta, que é própria de tal processo, visto que uma identidade é relacional, pois só existe em referência a uma outra, ou seja, da diferença, empreendendo uma afirmação de características peculiares a um grupo ou indivíduo, existindo sempre uma valorização do sujeito em detrimento do “outro” (WOODWARD, 2006). No caso em questão, esta negociação se efetua entre a comunidade e a instituição responsável pela sua reunião e preservação.

Ao se referir à coleção, está sendo considerado todo o acervo fotográfico do NOPH, que conta com divisões temáticas, atribuídas pelo processamento técnico-documental, que acompanham

3

momentos históricos (políticos, sociais, econômicos ou culturais) de forma *seriada*, mesmo que ainda não estejam completas, separadas e tratadas de modo apropriado. Todavia, possuem a lógica da mesma.

Segundo Benjamin (2006), o colecionador, além de retirar o objeto de sua funcionalidade e inscrevê-la num círculo mágico, ela representa para ele um resumo do universo, ele não mede esforços para alcançar o seu objetivo. Diante disso, ele enxerga na reunião dos objetos, algo que ultrapassa sua impressão imediata, ele a constrói atribuindo sentido, que reunidos representam uma existência, uma vontade de permanência, e que fornece, no caso de uma coleção institucional, um quadro passível de interpretações e significações múltiplas, que depende apenas do seu pesquisador. Segundo Dodebei (2001), a reunião de registros informacionais revela uma intencionalidade em sintetizar aspectos de uma determinada cultura, visando uma futura interpretação dos fatos históricos e sociais.

Acredita-se, portanto, que a coleção do NOPH dispõe não só de elementos que a configuram como um enquadramento da memória local, assim como, a sua existência evidencia uma intencionalidade de mostrar-se com determinadas características, que institucionaliza uma imagem para o bairro, sobretudo pelo fato de estar depositada nela à responsabilidade pela coordenação dessa construção, preservação e manutenção.

A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

A fotografia como um artefato tem duas vertentes para ser observada: a *matéria*, que a torna um objeto com suporte e procedimentos técnicos característicos; e a *expressão*, enquanto imagem, destacando-se pelo seu conteúdo, como um fragmento selecionado do real, num espaço e tempo determinado (KOSSOY, 1989:30). A fotografia é aqui trabalhada como fonte de informação e conhecimento, assim como expressão de uma representação.

Neste trabalho, a representação assume o caráter material ao apresentar um suporte, que é tanto a própria fotografia como fragmento do real, quanto a coleção delas, investida de carga simbólica, à medida que as fotografias evocam a memória dos grupos e a coleção apresenta-se como uma possibilidade de referenciar as experiências de identificação da comunidade local, codificada culturalmente. A análise de um recorte da coleção implica uma abordagem interpretativa da “realidade”, e se tratando de uma coleção em que os objetos colecionados são fotografias, consolida-se ainda mais esta característica interpretativa, pois conforme Kossoy (1989), a fotografia é uma segunda

4

realidade inaugurada pelo documento e possui um caráter polissêmico. Ela como produto da reação físico-química, ao captar as imagens, sugere uma veracidade, comunicar que o que está nela estampado ocorreu. Porém, o seu aparente testemunho visual pode ocultar manipulações, que o seu autor-fotógrafo engendrou sob o seu olhar, que irá refletir um propósito, dele mesmo, ou de quem o contratou, seja em sua escolha temática ou possibilidades técnicas.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este trabalho procurou evidenciar as relações existentes entre a coleção fotográfica de uma instituição de memória, com a construção da identidade cultural de um lugar, acreditando ser não somente a fotografia uma mensagem para o outro, sobretudo a coleção delas dizer muito sobre o que se deseja ser, que características são valorizadas dentro de uma comunidade, sustentando uma imagem que a convida a assumir uma dada identidade, e a integração dos indivíduos na manutenção da memória coletiva, a partir do uso social de que fazem dessas imagens.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Semântica do objeto. In: _____. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos) p.205-218

BAUDRILLARD, Jean. O objeto marginal: a coleção. In: _____. **O sistema dos objetos**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Debates, 70)

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: _____. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. Construindo o conceito de documento. In: _____. **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. In: _____. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios)

MOLES, Abraham A. A coleção. In: _____. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981. (Biblioteca Tempo Universitário, 62)

POMIAN, Krzystof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**: Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v.1, p.51-85, 1997.

RIBEIRO, Leila Beatriz. **Mais do que posso contar**: coleções, imagens e narrativas. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Memória Social (UNIRIO). Memória e Patrimônio. n.4064/0604. 2006.

SANT'ANA, Márcia. Patrimônio imaterial: do conceito ao problema da proteção. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.147, p.151-161, out./dez., 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: _____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.